

Saber, Verdade, Ética

Isabel Martins Considera - Práxis Lacaniana/Formação em Escola

VIII Congresso de Convergência – maio 2023 -Barcelona

Acredito estarmos de acordo que a psicanálise é uma ética que diz respeito à existência do inconsciente, é um sintoma, logicamente, necessário ao nosso tempo. Acho que também concordamos com o que diz respeito aos riscos que ela corre de desaparecer, se não houver desejos, ao nível do de Freud, que a sustentem em ato.

A multiplicação de ideologias que comandam a humanidade, dominadas, cada vez mais, pelo saber no mercado capitalista neo-liberal, ocupadas em fazer crescer as vendas de normas ilusórias que fortalecem as pregnâncias narcísicas e o uso de pretensas identidades que tamponam o lugar lógico da hiância radical à existência do inconsciente, pode levar ao desaparecimento da psicanálise?

É certo que os interesses dessas ideologias no subdesenvolvimento discursivo estão em oposição aos interesses da psicanálise, que precisa do desenvolvimento de questões discursivas. A psicanálise não é um discurso globalizante, que promova um todo unificante, dominante, para ser aplicado. Contudo, podemos dizer, que essa conturbada situação dos nossos dias, a qual trabalha no sentido de abolir a divisão do sujeito em relação ao inconsciente, não deixa de, ao mesmo tempo, indicar a necessidade lógica existente na entrada de uma dimensão do sujeito que seja inovadora. Dimensão que Freud nos legou a partir do estatuto do inconsciente, uma ética necessária ao nosso tempo.

Lacan, em seu ensino, é incansável em mostrar como a lógica matemática moderna aponta e encobre, no princípio, uma falha, que não leva em conta. Essa falha é fundamental para nossa práxis, por ser nela que recolhemos a interpretação que falta, a necessária articulação do inconsciente em discurso, numa análise. Basta lembrar que é pela falha que Freud descobre a lógica do funcionamento do inconsciente e, que é pelos diferentes níveis das hiâncias da falha que Lacan situa os tempos de articulação, as retomadas de percursos em termos do tempo lógico do

inconsciente, pelo objeto *a*. É através das hiências, dos intervalos, das faltas que têm a ver com a falha que, em nosso campo, localizamos, topologicamente, as conjunções disjuntivas, os pontos nodais que dizem respeito a um real que existe e insiste e precisa ser retomado.

Trata-se de um real que, pela função de desconhecimento que é própria ao eu, só pode ser sistematicamente renegado, e, por isso mesmo, Lacan é levado a formular que o inconsciente está estruturado como uma linguagem e precisa de tempo lógico para ser articulado em discurso; é necessário articular a lógica da negação como função a partir da colocação em ato do inconsciente.

Retomar a hiência, na fronteira entre o saber e a verdade, nos coloca frente à lógica própria do discurso da psicanálise, que opera mudanças nessa relação: do lado do saber, a difícil e necessária mudança de leito do rio por onde ele corre; do lado da dimensão da verdade é preciso interrogá-la em forma de enigma a respeito do valor de gozo do sintoma. A existência do inconsciente não só subverte o saber e o sujeito, ao produzir efeitos de torção e ruptura na relação do pensar e do ser, provocando profundos abalos no sujeito do cogito, como também a respeito da verdade, em sua estrutura de ficção, leva à necessária construção do arcabouço lógico da gramática pulsional do fantasma, relativa ao Isso; leva a tecer a rede, cujo material tem a ver com o significante, rede à qual o sujeito está suspenso e que diz respeito ao material com que se trabalha numa análise. A lógica do fantasma e a do ato analítico são diferentes, embora interdependentes; o ato analítico não é sem a construção do fantasma.

No que diz respeito ao ato analítico, não basta estarmos de acordo entre nós, porque não há como seguir certos princípios normativos. Lacan diz que talvez Freud tenha criado as sociedades de psicanálise, com o característico funcionamento irônico que observamos nelas, para que a psicanálise não corresse esse risco de desaparecer. O irônico em questão tem a ver com o fato de que aqueles mesmos que vivem da descoberta de Freud abafem sua voz, renegando o que ele nos legou. Lembro que nós, as escolas lacanianas, não temos por que regozijarmo-nos; não

estamos, *a priori*, livres do risco dessa ironia. Pergunto: o que há aí? Parece haver algo que fica submerso, e é como se jamais tivesse havido psicanalistas.

Nesse ponto crucial, Lacan foi incansável em relevar o inaudito da descoberta freudiana do inconsciente, para que sua descoberta não sucumbisse às pretensas identidades que obturam o lugar da hiância radical dessa falha, que, como disse, é sistematicamente renegada a partir do desconhecimento próprio à função do eu. Nesse lugar, no qual a convivência com os assédios totalitários, que encobrem o de que se trata a respeito do inconsciente, é muito forte; precisamos olhar, aí, seriamente, e colocar voz. Nessa hiância, a respeito do saber e da verdade, quando o que chamamos o analista se apresenta como semblante do objeto *a*, causa do desejo, em seu discurso, não há lugar para aspirar a qualquer totalidade oceânica de felicidade de um saber transcendente para a humanidade, aí encontramos a entrada de uma ética que tem a ver com as respostas praticadas, nesse lugar, da lógica da castração como real.

Neste ponto, a diferença entre o domínio do objeto *a*, nos campos de captura imaginária, que faz voltar indefinidamente às ilusões mais fundamentais da psicologia humana, ou seja, ao todo como Um unificante; e, um outro nível de valor lógico do objeto *a*, que tem a ver com a suspensão e ausência do sujeito, na lógica do fantasma, e com a sua divisão, no ato analítico, leva a um divisor de águas. Esse outro nível de valor lógico do objeto *a* diz respeito à entrada do gozo fálico, à entrada do falo como significante único em relação à verdade do gozo entre os sexos, diz respeito à apresentação do objeto *a* como resto de gozo que no lugar do grande Outro, como corpo, permite que o analista, posicionado desde o seu discurso, faça suporte, semblante, forneça, carregue os objetos *a* sem essência – o seio, o excremento e especialmente o olhar e a voz – para que o analisante se analise.

No seminário 15, *O ato psicanalítico*, Lacan desenvolve a questão de como o pequeno *a* pode passar a objetar a universal que, no nível do espelhismo, sempre volta ao todo unificante. Isto é importante porque na hiância entre o eu ideal e o ideal do eu, em relação ao ponto de ideal, sempre se corre o risco de fechá-la na totalidade própria do espelhismo, o que faz escorregar justo na entrada do não-todo, que dá

entrada ao discurso do analista. Lacan mostra, através de Pierce, como a universal conta com um vazio de traços em seu campo, que corresponde à constituição do sujeito dividido do inconsciente a partir do não-todo: ponto crucial para a entrada do discurso do analista, da potência criadora de uma ficção capaz de produzir sintomas articulados à coisa freudiana; portanto, relacionados à dimensão da verdade, na medida em que o inconsciente responde por eles. Trata-se da verdade que Freud, ao fundar a psicanálise, deixa falar sob o nome de inconsciente.

A responsabilidade do analista é a de estar à altura desses tipos de efeitos com os quais opera em seu campo, onde há perturbações das quais nada se entende ou se compreende a partir de outros discursos; efeitos que marcam uma dimensão de paradoxo e antinomia próprias ao campo do gozo pulsional, na psicanálise. Pergunto: quando podemos dizer que ocorreu algo que possamos chamar de um redimensionamento da verdade em relação ao real? Ou seja, algo relativo a uma passagem da verdade, da impotência, da carência em relação ao real, para o real como impossível? O que pode querer dizer esse esquecimento dominante que se faz da verdade em relação ao real como impossível?

No percurso do final de análise, o esquecimento da verdade, em relação ao real como impossível, é o que mantém o sujeito, enquanto sustentado pelo que chamamos o analista como objeto *a causa* do desejo, ou seja, um efeito produzido pelo próprio discurso analisante; protegido em relação à castração como real. Isso quer dizer que no percurso do fim de análise, na passagem de psicanalisante a psicanalista, o que chamamos analista é o último semblante a ser interrogado. É neste ponto crucial para o fim que Lacan não só diz que a resistência é do analista, como situa também seu famoso horror ao ato.

Nesse ponto, há uma conjunção disjuntiva, uma junção da verdade com o sujeito, em que a verdade protege o sujeito do “si mesmo” que o causa, “si mesmo” de que o analista se autoriza para seu ato, ou seja, dessa essência que é a falta, sem essência, que constitui o sujeito dividido do inconsciente. Nossa escolha, nossa responsabilidade, nessa hiância, que tem a ver com a passagem de psicanalisante a psicanalista, com o fim de análise, é a de enfrentar a verdade ou ridicularizar nosso

saber; porque é ao atingir a verdade em relação ao “si mesmo” do sujeito, que o analista não só se autoriza para o ato para o qual é feito como se depara com a verdade do incurável do desejo. Não há identificação possível nesse lugar, e os analistas, como diz Lacan, no que se refere ao real, somos respostas *sinthomáticas* ao inconsciente freudiano, temos a ver com uma ética necessária ao nosso tempo.

Fundamos Convergencia, com a ideia de convergirmos, a partir das diferenças, em direção a fazer avançar as questões discursivas nas hiências que têm a ver com a falha em sua radicalidade; desenvolver as questões que façam progredir a lógica, a ética, própria do discurso do analista. Estamos aqui, em Barcelona, 25 anos após a fundação, mesmo tempo que Freud levou, em sua prática, para se encontrar com a pulsão de morte, cujo caráter compulsivo, ligado a repetição significativa em relação ao ato sexual e ao ato analítico, tem a excelência, como indica Lacan, de abrir para o campo do gozo situado além do princípio do prazer, fundamental para o redimensionamento do impossível como real em termos do que não cessa de não se escrever da relação sexual. Pergunto: Estamos hoje, a partir dos efeitos produzidos neste tempo, em melhores condições para avançarmos com nossa proposta? É certo que dependemos de que as pregnâncias narcísicas, promotoras de confusões, não estejam ganhando da lógica da castração que redimensiona, a partir das condições de existência do inconsciente, o saber e a verdade. Contudo, temos, aí, algo a nosso favor: o fato de ainda estarmos aqui, hoje, insistindo em que a psicanálise siga, um real que existe e que insiste.